

Resiliência em Discentes de Administração, por Idade, Religiosidade e Gênero

Francisco Roberto Pinto¹
Joelma Soares da Silva²
Thais Vieira Nogueira³
Thiago Cardoso Ferreira⁴

Resumo

Este trabalho tem como objetivo verificar o nível de resiliência dos discentes de Administração, conforme os segmentos de faixa etária, religiosidade e gênero. Para consecução do objetivo proposto foi realizada, inicialmente, uma revisão bibliográfica que forneceu o embasamento teórico necessário, seguida de uma pesquisa de campo com 361 discentes regularmente matriculados em dois cursos de Bacharelado em Administração de duas Instituições públicas de Ensino Superior (IES) localizadas em uma capital do Nordeste brasileiro. O instrumento utilizado na pesquisa de campo foi constituído de duas partes: pela Escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993) e por questões sociodemográficas. Os dados foram trabalhados no *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 19.0. Os resultados apontaram que o nível de resiliência no público investigado não foi não variou entre os gêneros. Percebeu-se também que para a amostra a bordada houve pouca variação da resiliência em função da idade e do nível de religiosidade. Na presente pesquisa, observou-se um equilíbrio entre as variáveis: idade, religiosidade e gênero.

Palavras-chave: Resiliência. Discentes de Administração. Segmentação.

Management Students Resilience for age, religion and gender

Abstract

This study aims to determine the level of resilience of Management Students, as the segments of age, religion and gender. To achieve the proposed objective was initially conducted a literature review that provided the necessary theoretical background, followed by a field survey with 361 students enrolled in two Management courses in two public Higher Education Institutions located in a capital city of the Brazilian Northeast. The instrument used in the field study consisted of two parts: the Resilience Scale Wagnild and Young (1993) and socio-demographic questions. The data were worked out using SPSS (Statistical Package for Social Sciences) version 19.0. The results showed that the level of resilience in public was

¹ Pós-doutorado pelo PROPAD, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Gestão de Empresas pela Universidade de Coimbra (2008), Doutor em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (2004), Mestre em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (1983), Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Ceará (1974) e Licenciado em Música pela Universidade Estadual do Ceará (1998). rpinto@secrel.com.br, roberto.pinto@uece.br

² Mestre em Administração. Possui especialização em Gestão de IES e graduação em Secretariado Executivo. Atuou como professora em diversas instituições privadas e atualmente é professora do Departamento de Administração e coordenadora do Curso de Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará. joelma.soares@ufc.br

³ Universidade Federal do Ceará. thaisvn@hotmail.com, thaisvn@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Ceará. c.f.thiago@bol.com.br

not investigated did not differ between genders. Was also noticed that for the sample Embroidered there was little variation of resilience in relation to age and level of religiosity. In the present study, there was a balance between the variables: age, gender and religiosity.

Keywords: Resilience, Management Students, Segmentation.

INTRODUÇÃO

O transcurso da vida acadêmica tem sido alvo de debate constante tanto no âmbito acadêmico como empresarial, dada a importância dos seus efeitos sobre o comportamento dos discentes enquanto estudantes e, após esse período, enquanto profissionais. O foco de estudiosos, acadêmicos ou gestores de educação tem repousado especialmente em questões pontuais como: desempenho, permanência e evasão. Tal preocupação relaciona-se diretamente com o papel da educação superior que transpassa a capacitação técnica, atingindo também a socialização e a visão crítica da realidade onde o formando estará inserido.

A trajetória da vida universitária é constituída de acontecimentos que envolvem as mais diversas sensações, como sucesso, empenho e esforços e outros, que acarretam decepções, frustrações e insatisfações. Esses sentimentos podem dificultar ou facilitar, de maneiras diferentes, a trajetória do estudante e, principalmente, a construção do futuro profissional. Nesse sentido Vendramini *et al.* (2004) afirmam que as dificuldades encontradas incluem desde uma incompatibilidade com o curso escolhido, caracterizando uma opção inadequada, até um rendimento acadêmico insatisfatório.

Conceber os desafios acadêmicos não é tarefa fácil, dada a subjetividade que norteia a percepção e o enfrentamento das dificuldades. É possível, então, afirmar que o comportamento do discente face aos desafios da vida acadêmica dependerá tanto de aspectos de caráter pessoal como da realidade social que o cerca. Adicione-se à dificuldade comentada o fato de que a realidade social não é objetiva, mas resultado de percepção individual.

Tendo em vista os desafios dos discentes e seus anseios pessoais, além das exigências da sociedade pós-moderna, a resiliência é um fator que pode alterar a interpretação da realidade circundante e influir positivamente na dinâmica das construções e experiências na vida acadêmica. O processo da resiliência é classificado por Yunes (2001) como um mecanismo de enfrentamento de adversidades, ou quando um indivíduo é submetido a uma situação de estresse e consegue superá-la.

Embora o conceito de resiliência inicialmente se refira aos materiais e, portanto, pertença ao domínio da Física, o constructo resiliência pessoal é advindo da Psicologia, com extensões para os estudos organizacionais, pesquisas na perspectiva educacional e delineamentos na área do Serviço Social. Aqui, doravante, denomina-se a resiliência pessoal simplesmente como resiliência.

Sob o enfoque acadêmico, Tavares (2001) e Amparo *et al.*(2008) definiram a resiliência na dimensão acadêmica como uma característica associada à disciplina e ao bom desempenho acadêmico. Foi possível encontrar pesquisas nesse âmbito, porém percebeu-se uma ênfase apenas nos processos de gestão escolar, educação infantil e no aspecto da promoção da resiliência por parte dos professores e educadores. Portanto, diferentemente dessas abordagens, o presente estudo foca-se na resiliência de discentes no ambiente acadêmico.

Considerando as discussões supracitadas, o presente estudo visa responder ao seguinte questionamento: Como se verifica a resiliência dos discentes de Administração conforme sua faixa etária, gênero e religiosidade? Sendo assim, elegeu-se como objetivo geral deste trabalho verificar o nível de resiliência dos discentes de Administração, conforme os segmentos de faixa etária, religiosidade e gênero.

A importância de estudar características individuais que implicam diferentes comportamentos dos discentes de Administração deve-se ao fato de estes estarem sendo preparados para, provavelmente, serem gestores e, portanto, responsáveis pelas contribuições de outros profissionais. Nessa condição, poderão influenciar de forma significativa nos rumos das organizações, de acordo com sua forma de reagir às externalidades e às contingências da sociedade.

De acordo com Tavares (2001) a resiliência não deve ser apenas um atributo individual, porém pode caracterizar instituições/organizações, gerando, assim, uma sociedade mais resiliente. Assim, o conhecimento do nível de resiliência dos futuros administradores faz-se importante pelo potencial subsídio em contribuir para um melhor entendimento de um comportamento futuro de gestores de organizações.

A escala de resiliência de Wagnild e Young traduzida e validada no Brasil por Pesce *et al.*(2005), utilizada neste trabalho, já contribuiu em outras pesquisas com resultados significativos (por exemplo, COUTO, 2007; CATUSSO, CAMPANO, TAVARES, 2010; BACHI, 2011; ANGST e AMORIM, 2011).

A relevância do trabalho reside no fato de que não foram encontradas publicações importantes sobre o tema focado no público estudado. Além da contribuição teórica, este estudo pode subsidiar os processos seletivos das organizações e a compreensão do comportamento organizacional, além de contribuir para o autoconhecimento dos estudantes de Administração.

Este trabalho está dividido em seis seções. Na segunda parte é apresentada a fundamentação teórica, onde são abordados aspectos relacionados à vida acadêmica e aos desafios a ela inerentes, bem como aspectos conceituais da resiliência e sua contextualização no âmbito acadêmico. A terceira parte apresenta os procedimentos metodológicos. Seguem-se a apresentação e análise dos dados e as conclusões, com as limitações do trabalho e sugestões para novas pesquisas e aprofundamento do assunto. Por fim, estão listadas as referências que forneceram a base teórica para este estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura base revisada para a fundamentação deste trabalho encontra-se organizada mediante a exploração de dois aspectos-chave para a compreensão das análises e discussões, como se vê adiante. A necessidade de se trabalharem esses conceitos proporciona uma maior maturidade para as bases teóricas e conhecimento das habilidades importantes no âmbito acadêmico.

2.1 Comportamento dos discentes no âmbito acadêmico

Alterações no cenário da educação superior nacional, especialmente a partir da década de 1990, têm gerado a necessidade de investigação acerca de aspectos comportamentais relacionados ao seu público-alvo, principalmente, se considerada a importância da formação de nível superior na sociedade e a sua recente popularização (TRINDADE, 2003).

Os cursos de Bacharelado em Administração devem estabelecer condições mínimas necessárias para que o graduando esteja capacitado a compreender questões científicas, técnicas, sociais e econômicas, bem como desenvolver capacidade de gerenciamento e a assimilação de novas informações, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade às diversas situações presentes ou emergentes nos vários segmentos do campo de atuação do administrador (BRASIL, 2003). Antecipando-se à determinação

oficial, Santos (2000) afirma que, na universidade, o aluno precisa ser preparado para um papel atuante na sociedade através de um desenvolvimento integral.

Nesse contexto, diferentes circunstâncias poderão subvencionar desafios que atuarão como mola propulsora ou depressora do comportamento do discente de Administração. De acordo com Gil (2009, p.43), “os estudantes não constituem uma massa homogênea” sendo, portanto, necessárias investigações, mais elaboradas, que identifiquem variáveis influenciadoras do desempenho acadêmico, “principalmente aquelas que se constituem não educacionais como a capacidade de aprender, que podem ser físicas, psicológicas ou ambientais” (GIL, 2009, p. 53).

Abordagens teóricas, mais recentes, acerca dos desafios enfrentados pelos discentes no ensino superior buscam desvincular-se do discurso unânime sobre temáticas recorrentes como ética (TANIGUCHI *et al.*, 2011) e desempenho acadêmico (CORDEIRO; SILVA, 2011). Percebe-se, também, que novos enfoques surgem decorrentes das contingências próprias da realidade sob a qual a conjuntura acadêmica está subjugada, como o processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias (BRUNETTA *et al.*, 2011), plágio da autoria acadêmica (GONÇALVES, NOLDIN, GONÇALVES, 2011), entre outros que norteiam as pesquisas educacionais. É importante ressaltar, também, que estudiosos têm buscado mensurar a realidade das contingências acadêmicas e os seus efeitos no comportamento discente (por exemplo, ALMEIDA, 1998; VENDRAMINI *et al.*, 2011).

Todavia, Vergara e Amaral (2010) advogam que o processo educativo precisa ser concebido de forma a possibilitar ao aluno a capacidade de lidar com desafios, ameaças e oportunidades, de forma flexível e ágil diante das incertezas. Neste sentido, Cunha e Carrilho (2005, p. 217) afirmam que

[...] as dificuldades ao contexto universitário são de diversas naturezas passando tanto pelas questões individuais dos alunos como também pelas novas exigências acadêmicas e o novo ambiente, influenciando o desempenho e o desenvolvimento psicossocial dos estudantes.

Diante da diversidade de ocorrências no âmbito universitário, não se pode desconsiderar que aspectos inerentes à personalidade serão decisivos na forma de enfrentamento. O impacto dos desafios – enquanto fonte simultânea de estimulação e de dificuldades – dependerá das características pessoais do estudante (ALMEIDA, 1998). Nessa

perspectiva, concebe-se que o nível de resiliência pode explicar parcialmente os diversos tipos de comportamentos do estudante face às dificuldades na vida acadêmica.

2.2 A Resiliência no Âmbito Acadêmico

O termo resiliência é advindo, inicialmente, das ciências exatas, com o objetivo de explicar o fenômeno que se dá quando um corpo volta ao seu estado normal após ter sofrido algum tipo de pressão externa (YUNES, 2001). Utilizada nas ciências sociais aplicadas, a palavra resiliência possui sentido semelhante, designando a capacidade das pessoas em resistir a pressões, ou como a habilidade de superar crises. Mas, diferentemente do que ocorre com materiais, uma pessoa não sai de um processo de pressão como entrou. Superação de problemas torna as pessoas mais resilientes.

O estudo da resiliência é considerado relativamente novo pelos pesquisadores. Os primeiros autores introduziram o termo “invulnerabilidade” na abordagem da psicopatologia do desenvolvimento, descrevendo que crianças, quando submetidas a longos períodos de adversidades e estresse psicológico, apresentavam saúde emocional e alta competência (WERNER, SMITH, 1992). A resiliência aplicada na perspectiva escolar, foi definida por Henderson e Milstein (2008) como a capacidade de recuperar-se, sobrepor-se e adaptar-se de forma exitosa perante alguma adversidade, e de desenvolver competência social, acadêmica e vocacional diante de tensões. Sob a mesma perspectiva, ressalta-se que:

A resiliência pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ileso (MOTA *et al.*, 2006, p.58).

As pessoas mais resilientes possuem maiores chances de superar os desafios do mercado atual, pois são capazes de enfrentar qualquer tipo de dificuldade (PETTINELLI, 2009). No contexto organizacional, os indivíduos que sabem lidar com pressões e cumprir os prazos, dentre outras situações adversas, conseguem superar os desafios com maior facilidade (TARAPANOFF, 2009).

Segundo Tavares (2001) e Amparo *et al.* (2008), existem três dimensões no contexto da resiliência: acadêmica, social e emocional. Será enfatizada a dimensão acadêmica da resiliência, a qual é definida pelo bom desempenho acadêmico e interesse nas tarefas

universitárias e culturais. Conforme Sousa (2008), as crianças e jovens resilientes, no ambiente educacional, são mais autônomos, possuem elevada autoestima e uma orientação social positiva. Estudos aprofundados do *Department of Education National Research Center (USA)* – realizados pelo *Center for Education in the Inner Cities (CEIC)* e do *Center for Research on Education, Diversity & Excellence (CREDE)* – revelaram as diferenças entre alunos resilientes e não resilientes. Os alunos considerados resilientes são mais perceptivos nos aspectos de envolvimento na sala de aula ao nível de adesão à orientação para as tarefas. Também, aderem melhor às regras e possuem altos níveis de satisfação acadêmica (WAXMAN *et al.*, 2002).

Por sua vez, os alunos considerados não resilientes ou com baixos índices de resiliência apresentaram menor motivação e foco, além de desempenho acadêmico inferior, quando comparados aos resilientes. No estudo realizado por Waxman, Huang e Wang (1997), foi observado que os alunos resilientes apresentam maior facilidade de compreensão durante as aulas e maiores expectativas em relação ao projeto de vida do que os alunos não resilientes. A mesma pesquisa demonstrou que os resilientes passavam mais tempo interagindo com professores com o objetivo de obter esclarecimentos, enquanto os não resilientes aproveitavam o tempo para interagir com os colegas sobre assuntos de ordem pessoal ou social, revelando a existência de relação entre baixos níveis de resiliência e distratibilidade, assim como comportamentos destrutivos (SOUSA, 2008).

É evidente que o nível de resiliência variará em diferentes grupos e será condizente com a realidade social de cada grupo, sem desconsiderar, obviamente, as particularidades próprias de cada indivíduo. Para Bonanno (2004), são múltiplos, e, às vezes inesperados, os caminhos à resiliência. Para o autor, sentimentos de desamparo, desesperança e vulnerabilidade são exemplos de condições propulsoras da resiliência nos indivíduos. Neste sentido, é oportuno ressaltar como se manifesta o comportamento resiliente no universo de grupos por faixa etária, gênero e nos considerados religiosos.

2.3 A Contribuição da Literatura para a Construção das Hipóteses

Como a resiliência resulta das experiências pessoais, ela deve variar de acordo com a idade, esperando-se que quanto maior a idade mais resiliente seja o indivíduo. Em um estudo apenas com crianças, foi observado que as mais velhas tinham maior capacidade de iniciativa quando comparadas a crianças mais jovens, utilizando-se a empatia e a capacidade de

iniciativa como fatores de mensuração da resiliência, segundo a pesquisa de Cerconello (2000). Os resultados corroboram com a literatura (por exemplo, KLIEWER, 1991; LAFRANIERE e DUMAS, 1996) quando afirmam que pessoas mais jovens possuem menos estratégias para lidar com as adversidades, visto estarem no estágio de formação das habilidades cognitivas e terem experiência de vida limitada.

Em outra perspectiva, um estudo que avaliou a resiliência com pacientes de diversos tipos de enfermidades, os resultados indicaram que aqueles com maior idade são mais resilientes quando comparados à população jovem, o que se comprovou por menores níveis de depressão e ansiedade (CONSTANZO; RYFF; SINGER, 2009). Uma pesquisa realizada com idosos também confirmou que quanto maior a idade, maior o grau de resiliência, apresentado por ideias de independência e determinação (RESENDE *et al.*, 2010).

De acordo com Resende *et al.*(2010), a terceira idade e a resiliência também estão relacionados com experiência, maturidade e solidariedade. No contexto organizacional também foram encontrados trabalhos que se coadunam com tal pensamento. Segundo Santos (2011), em uma pesquisa realizada com empreendedores associando a resiliência do gestor com o sucesso do empreendimento no contexto das micro e pequenas empresas, observou-se que, quanto maior a idade do empreendedor maior era o nível de resiliência, o que foi evidenciado na correlação entre proatividade e experiência.

Considerando, então, os estudos supracitados e a diversidade das áreas que abordaram a relação entre idade e resiliência, notou-se convergência de resultados que apontaram que indivíduos com maior idade são mais resilientes.

Para Braga (2009), as mulheres são naturalmente resilientes em virtude de seu processo histórico de opressão originado nos primórdios da humanidade.

O gênero feminino vive sob dominação, opressão e submissão ao masculino. Essa situação aponta para a sua capacidade de resiliência, ao longo de sua existência, e a luta travada para transformar as desigualdades, a discriminação e a subalternidade a que são submetidas (BRAGA, 2009, p.15).

Segundo Miller (2006), a cultura é o principal fator que conduz à visão de fragilidade em torno da mulher, pois nesta condição encara a mulher como vulnerável e incapaz de realizar determinadas ações. Cavalcanti (2007) esclarece que, apesar de todo avanço e conquista de direitos por parte das mulheres, ainda se observam situações de desigualdade

entre os gêneros e que o homem ainda é privilegiado tendo mais acesso a educação e empregos bem remunerados. Sendo assim, Trigueiro (2011) salienta que as mulheres tendem a desenvolver um comportamento mais resiliente por estarem sujeitas a situações mais opressoras que os homens.

O mais recente Censo Nacional (IBGE, 2010) explicita que, embora as mulheres representem 51% da população nacional, elas recebem salários inferiores aos dos homens em todos os níveis de escolaridade. Tal realidade é mais significativa nas remunerações mais elevadas. No mercado formal o total de mulheres ocupadas recebe 74% do rendimento médio dos homens ocupados e no mercado informal esta diferença é mais significativa chegando a 63% (IBGE, 2010).

No que diz respeito à resiliência associada à religiosidade, é oportuno destacar que, para Peres, Simão e Naselo (2007), a percepção que o sujeito tem do mundo está subordinada às suas crenças. Embora a literatura que relacione religiosidade e resiliência não seja abundante (LARROSA, 2011), os estudos já realizados indicam que ser religioso é uma condição que conduz à resiliência (FERREIRA, 2009).

Na visão de Boff (2001), a espiritualidade é a capacidade de se deixar impregnar e orientar a vida pela vivência do transcendental. Quando a espiritualidade é sentida como a presença de um transcendente ou de Deus, não só como algo interior, pode-se falar em espiritualidade religiosa ou religiosidade. Para Larrosa (2011), o conceito de espiritualidade se sobrepõe ao de religiosidade.

No Brasil, país tradicionalmente religioso, o Censo de 2010 revelou que 65% da população declaram-se como católicas e 23% pertencem às religiões evangélicas (IBGE, 2010). Entre a população jovem brasileira, Larrosa (2011) enfatiza que muitos se consideram membros de uma religião, mas não a praticam ou apenas a vivenciam formalmente sem encontrar um significado espiritual nela.

Lacayo (2007) afirma que a espiritualidade pode ser a mais importante das características da pessoa resiliente e a que mais produz resultados favoráveis no manejo da adversidade. Para Walsh (2003), a religião e a espiritualidade podem ser recursos terapêuticos poderosos para a recuperação, a cura e a resiliência. Na visão de Assis, Pesce e Avancini (2006), participar de uma religião contribui para a sensação de proteção dos jovens, já que ajuda a enfrentar adversidades inevitáveis.

Diante dessas contribuições, como possíveis respostas ao problema suscitado, foram elencadas as seguintes hipóteses:

- H₁: Os discentes de Administração com faixa etária menor apresentam resiliência mais baixa;
- H₂: A religiosidade influencia positivamente a resiliência dos discentes de Administração;
- H₃: Entre os discentes de Administração, as mulheres apresentam resiliência maior que os homens.

Para testar as hipóteses estabelecidas, foram realizados os procedimentos metodológicos a partir da orientação teórica, conforme apresentados a seguir.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipologia da Pesquisa

O presente estudo é de natureza quantitativa que, segundo Beuren (2008, p.92), “caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta como no tratamento dos dados”.

Segundo Vergara (2009), a metodologia pode ser definida quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, esta é uma pesquisa exploratória, pois se trata de uma área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado; mas também é uma pesquisa explicativa, haja vista que procura identificar como as variáveis independentes (idade, religiosidade e gênero) influenciam os níveis de resiliência. Quanto aos meios, o presente trabalho se caracteriza como pesquisa bibliográfica e de campo.

3.2 Cálculo da Amostra

Para efeito de cálculo da amostra, considerou-se o universo estimado dos discentes regularmente matriculados nos cursos de Administração da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará no semestre 2012.1.

O cálculo da amostra utilizou a seguinte fórmula apresentada por Barbetta (2004): $n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0}$, sendo N o tamanho estimado do universo (neste caso, 2.087); e n₀ a primeira aproximação do tamanho da amostra, a ser calculada pela fórmula $n_0 = \frac{1}{E^2}$, onde E é o erro amostral tolerável, estabelecido em 5% (0,05).

Considerando um erro tolerável de 5% (0,05), o cálculo da primeira aproximação foi:
 $n_0 = 1 / 0,0025 = 400$.

O cálculo da amostra, utilizando a primeira fórmula de Barbetta (2004), foi feito da seguinte forma: $n = 2.987 \times 400 / 2.087 + 400 = 834.800 / 2.487 = 335,66$.

Então, **n= 336**.

3.3 Captação dos Dados

De acordo com os cálculos, considerando o universo de 2.087 discentes regularmente matriculados nos cursos de duas universidades públicas do Estado do Ceará, no semestre 2012.1, o número de questionários a serem aplicados seria de 336, para um erro tolerável de 5%.

No entanto, a amostra colhida foi maior, dado que participaram da pesquisa **361** estudantes e não houve necessidade de exclusão de nenhum questionário por preenchimento incorreto ou incompleto.

A aplicação dos questionários foi realizada no mês de maio de 2012, nos períodos de manhã e noite, por três pesquisadores que deram instruções sobre como respondê-los. Estes entrevistaram o mínimo possível no processo de aplicação, dando apenas explicações quando solicitados, evitando emitir significados diferentes daqueles atribuídos pelos respondentes. Cada sujeito gastou em média 15 (quinze) minutos para finalizar o preenchimento do questionário.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário estruturado dividido em duas partes. A primeira parte apresenta a escala de resiliência, na qual foi adotada a partir da Escala de Wagnild e Young (1993), traduzida e validada por Pesce *et al.*(2005), e adaptada por Bacchi (2011). A escala é composta por 25 enunciados, em escala tipo Likert, para os quais os respondentes registraram suas opiniões sobre si mesmos, escolhendo uma dentre cinco opções: (1) Discordo totalmente; (2) Discordo pouco; (3) Não concordo nem discordo; (4) Concordo pouco; ou (5) Concordo totalmente. A escala, montada pelas assertivas sobre auto-avaliação dos respondentes, permite discernir sua capacidade de suportar e superar pressões, ou seja, sua resiliência.

Além dessas questões, foram incluídas outras de natureza sociodemográfica, tais como registro de gênero, idade e estado civil e religiosidade para caracterização dos respondentes e no intuito de testar as hipóteses levantadas.

3.4 Tratamento dos Dados

Os dados foram trabalhados no *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 19.0, utilizando módulos de estatística descritiva, Análise Fatorial e Análise de Variância (ANOVA). Do módulo de estatística descritiva resultou na caracterização da amostra. Seguiram-se os testes de confiabilidade e os ajustes, utilizando-se a medida do *alpha* de Cronbach.

Em seguida, foi procedido ao tratamento por Estatística Inferencial, na qual a Análise Fatorial permitiu a redução das variáveis, agrupando-as em fatores que passaram a ser as novas variáveis e a Análise de Variância permitiu testar as três hipóteses apresentadas. Os resultados obtidos a partir da análise dos dados são apresentados a seguir.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Estatística Descritiva

A análise preliminar dos resultados revelou que, quanto ao gênero, houve uma distribuição homogênea, já que 49% dos entrevistados eram do gênero masculino e 51% do gênero do feminino, com predominância de faixa etária entre 20 e 30 anos. Quanto à religiosidade, 42% afirmaram-se religiosos praticantes, outros 42% afirmaram ser religiosos não praticantes, e apenas 16% afirmaram não ter religião.

No que diz respeito à ocupação, 62% afirmaram só estudar ou estudar e estagiar, ou seja, pode-se considerar que a maior parte dos respondentes tem mais tempo disponível para a vida acadêmica, o que pode contribuir para uma maior veracidade das afirmativas à pesquisa de campo. No tocante ao estado civil, observou-se que 91% dos indivíduos declararam-se solteiros enquanto 9% eram casados ou separados e com predominância de renda familiar entre dois e dez salários mínimos.

4.2 Teste de Confiabilidade e Ajustes

Antes da aplicação da Estatística Inferencial, optou-se por analisar a confiabilidade da escala utilizada. O instrumento mostrou-se apropriado após os ajustes descritos abaixo e orientados pela literatura (Por exemplo, CORRAR; PAULO; DIAS FILHO, 2011; FIELD, 2009). Na análise de confiabilidade, todas as variáveis apresentaram valor de *alpha* de

Cronbach superior a 0,6. O *alpha* de Cronbach do conjunto foi de 0,663. Em seguida, identificaram-se as possíveis sentenças invertidas. Identificada a sentença “Eu não insisto em coisas sobre as quais eu não posso fazer nada” realizou-se sua inversão por meio do comando *Transforme/Compute Variable*. O objetivo principal foi evitar que a sentença invertida interferisse negativamente no *alpha* de Cronbach (FIELD, 2009). Assim, a nova variável foi denominada de Q27.

Optou-se, ainda, pela eliminação de quatro variáveis cuja permanência enfraquecia o instrumento, seguindo as orientações de Field (2009). Após a exclusão das sentenças, o *alpha* de Cronbach Global passou para 0,722 demonstrando, assim, boa confiabilidade da escala.

4.3 Análise Fatorial

O terceiro passo foi identificar as dimensões de variabilidade por meio da Análise Fatorial (AF), sem fixar número de fatores. Na AF, o teste de esfericidade de Bartlett indicou que os dados são adequados para esta análise, pois foi significativo ao nível de 0,0% ($\chi^2=970,634$) e o resultado do teste de Kaiser-Meyer-Olkin, foi maior que 0,7 (KMO=0,726). Seguindo a recomendação de Corrar, Paulo e Dias Filho (2011) foram eliminadas cinco variáveis que apresentavam comunalidades abaixo de 0,5.

Após esta eliminação, repetiu-se a aplicação da AF e, percebendo que outras duas variáveis não apresentavam nenhum escore, elas foram eliminadas da AF. Por fim, permaneceram 15 variáveis distribuídas em seis fatores que, em conjunto, explicaram 58,45% da variância total, conforme Tabela 1. Este percentual é considerado bom para as ciências sociais (CORRAR, PAULO, DIAS FILHO, 2011; FIELD, 2009).

A Análise Fatorial (Tabela 1) acima demonstra como o construto Resiliência se apresenta na amostra abordada. Percebe-se que, após o tratamento, os fatores originados refletem aspectos relacionados à personalidade; porém, alguns deles, com orientação para o meio externo. Tal resultado é coerente se considerado, principalmente, o pensamento de Gil (2009) acerca das várias influências que incidem sobre os estudantes de ensino superior.

Tabela 1 – Análise Fatorial Resiliência

Variáveis	Fatores					
	Atitude Pessoal	Motivação Intrínseca	Autocontrole	Autodeterminação	Adaptabilidade	Individualismo
Eu sou disciplinado	0,767					
Eu mantenho interesse nas coisas	0,745					

Eu tenho energia suficiente para fazer o que eu tenho que fazer	0,639	
Eu, normalmente, posso achar motivo para rir	0,729	
Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis	0,663	
Em uma emergência, eu sou alguém com quem as pessoas podem contar	0,558	
Eu sou amigo de mim mesmo	0,506	
Eu costumo aceitar as coisas sem muita preocupação	0,784	
Eu faço as coisas um dia de cada vez	0,784	
Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo		0,631
Ao fazer planos, eu os levo até o fim		0,605
Tudo bem se há pessoas que não gostam de mim		0,701
Quando estou em uma situação difícil, eu normalmente acho uma saída		0,564
Eu sou capaz de depender de mim mais do que de outra pessoa		0,824
Eu posso estar por minha conta, se eu precisar		0,672

Fonte: Dados da Pesquisa

No intuito de verificar a importância dada a cada fator gerado, optou-se por tirar a média de cada fator, conforme explicitado na Tabela 2.

Tabela 2 - Médias finais dos fatores

Fatores Resiliência	Média	S
Motivação intrínseca	4,34	0,867
Atitude pessoal	4,10	0,933
Adaptabilidade	3,96	2,067
Autodeterminação	3,95	0,933
Individualismo	3,80	1,184
Autocontrole	2,90	1,293

Fonte: Dados da Pesquisa

Analisando a Tabela 2 observa-se que os fatores com as maiores médias foram Motivação Intrínseca (4,34) e Atitude Pessoal (4,10). O passo seguinte foi o teste das duas primeiras hipóteses, utilizando Análise de Variância.

4.3 Análises de Variância

A partir da análise estatística utilizando-se a ANOVA buscou-se testar as duas primeiras hipóteses formuladas. Os resultados para H_1 estão na Tabela 3.

Tabela 3 - ANOVA - Resiliência x Faixa etária

Fatores Resiliência	Até 20 anos	De 21 a 30 anos	De 31 a 40 anos	De 41 a 50 anos	σ	F	sig
Atitude pessoal	3,98	4,16	4,07	4,83	0,98	1,85	0,33

Motivação							
Intrínseca	4,29	4,41	3,72	4,00	0,74	4,16	0,06
Autocontrole	2,78	2,98	2,89	2,75	1,68	0,71	0,56
Autodeterminação	3,93	3,97	4,11	4,50	0,87	1,80	0,15
Adaptabilidade	3,79	4,08	3,50	4,00	1,10	3,38	0,02*
Individualismo	3,65	3,87	4,34	3,50	1,39	1,82	0,21

Fonte: Dados da Pesquisa

Notas: *Significante ao nível de 0,05

Embora os resultados evidenciem que os estudantes com faixa etária entre 41 e 50 anos são mais resilientes que os mais jovens, a variável Idade é significativa, apenas, para o fator Adaptabilidade. Para os demais fatores, a Idade não faz diferença estatística. Verificou-se, também, que entre as quatro faixas etárias elencadas, os respondentes “até 20 anos” apresentaram menor resiliência em relação aos demais, conforme a Tabela 3.

A segunda hipótese testada quanto à religiosidade, cujos resultados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 - ANOVA - Resiliência x Religiosidade

Fatores Resiliência	Religioso praticante	Religioso não praticante	Não possui religião	S	F	sig
Atitude pessoal	4,20	4,03	4,04	0,87	1,68	0,34
Motivação						
Intrínseca	4,52	4,32	4,25	0,76	2,11	0,30
Autocontrole	2,92	2,76	2,74	1,65	3,56	0,13
Autodeterminação	3,97	3,91	4,06	0,87	1,03	0,05
Adaptabilidade	3,93	3,93	4,14	1,12	1,78	0,17
Individualis						
mo	3,72	3,81	3,99	1,40	1,35	0,36

Fonte: Dados da Pesquisa

Os discentes de Administração que afirmaram ter alguma religião, na condição de praticante ou não, apresentaram níveis de resiliência semelhantes àqueles que disseram que não têm religião.

Tal resultado não é consonante com o pensamento de Ferreira (2009) ao afirmar que ser religioso é uma condição que conduz à resiliência. O passo seguinte testa a terceira hipótese.

4.4 Médias Finais dos Fatores

Calculando as médias, em cada um dos fatores, para homens e mulheres, foram encontrados valores muito próximos, conforme tabela 5.

Tabela 5 – Médias Finais dos Fatores

Fatores Resiliência	Média Mulheres	Média Homens
Atitude Pessoal	4,12	4,08
Motivação Intrínseca	4,34	4,35
Autocontrole	2,89	2,92
Autodeterminação	3,98	3,94
Adaptabilidade	4,00	3,94
Individualismo	3,71	3,90
Média	3,84	3,86

Fonte: Dados da pesquisa

Pela tabela 5 também se observa que, calculando as médias de todos os fatores, separadamente para homens e mulheres, foi encontrada uma média ligeiramente maior para os homens (3,86) em relação à média encontrada para as mulheres (3,84).

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Análise Fatorial

Depreende-se da análise da Tabela 1 que as variáveis influenciadoras do comportamento dos discentes revelam multidimensionalidade.

Essa constatação permite comentar que o educador e o gestor acadêmico deverão ter consciência dessa realidade e lançar mão de ações que considerem que a complexidade humana está exacerbada na fase juvenil. Essa compreensão pode facilitar a superação dos desafios, com a finalidade de contribuir para o bom desempenho acadêmico.

Adicionalmente, analisando a Tabela 2 observa-se que os fatores com as maiores médias foram Motivação Intrínseca (4,34) e Atitude Pessoal (4,10), o que reforça o comentário anterior.

5.2 ANOVA Resiliência X Faixa Etária

Os resultados registrados na Tabela 3 são compreensivos, pois as pessoas jovens possuem menos experiências e, conseqüentemente, menor probabilidade de desenvolver resiliência.

É importante considerar, também, que as pessoas mais resilientes possuem maiores chances de superar os desafios, já que têm mais condições de enfrentar dificuldades, pressões e crises. O que corrobora com o pensamento de Cerconello (2000); Kliewer (1991); Lafraniere e Dumas (1996).

Considerando que houve diferença estatisticamente significativa em apenas um dos fatores, pode-se afirmar que H_1 foi negada para a presente amostra.

5.3 ANOVA Resiliência X Religião

Não se evidenciou diferença estatisticamente significativa entre as médias dos respondentes que se declararam religiosos e os que se disseram sem religião.

Tal resultado não é consonante com o pensamento de Ferreira (2009) ao afirmar que ser religioso é uma condição que conduz à resiliência.

Dentre os construtos da resiliência, observou-se que, no fator Autodeterminação, foi encontrado nível de significância de 0,05, representando que as médias são estatisticamente diferentes, no limite da interpretação. Possivelmente, essa diferença se deve ao fato de que as pessoas que se dizem sem religião (média de 4,06) tendem a assumir as responsabilidades pelas suas escolhas.

Para os demais fatores, não houve diferença estatisticamente significativa entre as médias, o que permite negar H_2 .

5.4 Médias Finais dos Fatores

Mesmo sem um tratamento estatístico mais sofisticado, pode-se negar H_3 , já que não se evidenciou maior nível de resiliência para o gênero feminino, nas várias médias calculadas e que a amostra não apresenta maior nível de resiliência para o gênero feminino, tendo-se registrado uma média geral ligeiramente maior para os homens.

5 CONCLUSÃO

Os estudos comprovam que a mensuração da resiliência, ainda que seja uma área de pesquisa relativamente nova, é importante, com amplas possibilidades de reaplicações e adaptações. Pressupostos são negados, o que remete ao cuidado que se deve ter quanto a pré-concepções a respeito do tema.

No âmbito da mensuração dos discentes de Administração segmentados por faixa etária, religiosidade e gênero, os resultados permitem inferir que existem diferenças que precisam ser consideradas. Mas que não permitem deixar de negar as hipóteses preliminarmente levantadas (Os discentes de Administração com faixa etária menor apresentam resiliência mais baixa; A religiosidade influencia positivamente a resiliência dos

discentes de Administração; Entre os discentes de Administração, as mulheres apresentam resiliência maior que os homens).

Quanto à faixa etária, verificou-se que o único fator que apresentou significância foi a Adaptabilidade, demonstrando ser esta uma condicionante da resiliência, em que pese a idade ter influência no nível da resiliência dos estudantes. Como foi construída *a priori*, em momento anterior ao tratamento feito por Análise Fatorial, era impossível formular hipótese específica sobre Adaptabilidade, já que não se poderia saber de antemão quais os fatores que seriam gerados no tratamento.

Tendo sido elaborada com entendimento de resiliência como um construto, a hipótese resulta negada, em virtude dos resultados não terem apresentado valores estatisticamente significantes em todos os seus fatores que compõem a resiliência neste estudo.

No aspecto da religiosidade, também, não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes, na amostra tratada, tendo-se apresentado pouca variação entre os que responderam crer ou vivenciar alguma religião e os que não crêem, não têm religião ou não são praticantes. Observa-se Autodeterminação foi o único fator em que houve diferença de média com significância estatística. Assim como aconteceu com a primeira hipótese, não houve pressuposição quanto a um fator específico, já que isso seria impossível antes do tratamento. A segunda hipótese também foi negada para a amostra tomada.

Mesmo sem um tratamento estatístico mais sofisticado, também foi possível negar a terceira hipótese, já que se observa, para a amostra, não ser verdadeiro o pressuposto de que as mulheres sejam mais resilientes. Não se pode, por outro lado, afirmar que os homens o sejam, já que o simples cálculo de média não é tratamento adequado para a comparação de diferença de percepção entre os gêneros.

De forma geral, o estudo da resiliência propicia a compreensão do comportamento humano em sociedade e mais precisamente nas organizações. As organizações, de uma forma geral, podem se valer do conhecimento acerca da resiliência de tal grupo como meio de compreender seu comportamento e sua capacidade de reagir diante das contingências naturais do mercado.

A utilização desse instrumento para mensurar a resiliência possibilita o recorte de diversas análises nas organizações e instituições de ensino, como no presente estudo. Com base nos resultados, percebe-se uma lacuna para outros estudos com uma amostra maior, e com outras variáveis.

Na presente pesquisa, observou-se um equilíbrio entre as variáveis (faixa etária, religiosidade e gênero) em relação à forma como a resiliência se apresenta. Assim, criam-se oportunidades de estudos com as mesmas variáveis utilizando outras variáveis independentes, como por exemplo, semestre cursado, aproveitamento acadêmico e outros cursos.

A restrição geográfica e o foco em um único público são as principais limitações deste estudo. Outra limitação é o fato de se terem levantado as hipóteses antes do tratamento da Análise Fatorial, o que obrigava a formular hipóteses mais gerais, com maior probabilidade de rejeição.

Nesse contexto, o presente estudo contribui para a solidificação do constructo, a partir de um prisma diferenciado na abordagem do comportamento organizacional. Também permite o vislumbre de como se podem acrescentar informações acerca da resiliência como forma de compreender o comportamento humano em diferentes contextos. Assim, apesar das limitações do estudo, contemplou-se uma análise que mensurasse a resiliência a partir de uma escala validada e com aplicabilidade em outras pesquisas.

Finalmente, sugere-se a replicação em outras IES, em outros tipos de organização e em outras regiões geográficas. Para continuar no mundo acadêmico, pode-se mudar o público e mensurar o nível de resiliência dos docentes e dos profissionais técnico administrativos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. Questionário de vivências acadêmicas para jovens universitários: estudos de construção e de validação. **Revista Galego Portuguesa de Psicologia e Educação**, Coruña, v. 2, n.3, 1998, p. 113-130. Disponível em:<http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/6662/1/RGP_3-8.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2012.

AMPARO, D. M. *et al.* Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.13, n.2, 2008, p. 165-174. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/09.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

ANGST, R.; AMORIM, C. A. A. Resiliência em acadêmicos de Pedagogia. *In*: Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) e I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade de Educação (SIRSSE), 2011, Curitiba. **Anais...**Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 1-12.

ASSIS, S. G. PESCE, R. P. AVANCI, J. Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BACCHI, G. **Entre o *tripalium* e a resiliência**: um estudo sobre a correlação entre o assédio moral e a resiliência. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 5 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2008.

BRASIL. Parecer nº CES/CNE 0134/2003 de 4 de junho de 2003. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração, Bacharelado, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 set. 2003. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2003/pces134_03.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2012.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

CATUSO, R. L.; CAMPANA, A. N. N. B; TAVARES, M. C. G. C. F. A Resiliência e a imagem corporal de adolescentes e adultos com mielomeningocele. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 36, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2010. Disponível em: <www.seer.ufjf.br/index.php/hurevista/article/download/838/329>. Acesso em: 29 jun. 2012.

CONSTANZO, E. S.; RYFF C. D.; SINGER, B. H. Psychosocial adjustment among cancer survivors: findings from a national survey of health and well-being. **Health psychology**, Londres, v.28, n.2, p.147-156. mar. 2009. Disponível em: <<http://aging.wisc.edu/pdfs/2492.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

CORRAR, L. J.; PAULO, Luiz; DIAS FILHO, J. M. (Org.). **Análise multivariada**. São Paulo: Atlas, 2011.

COUTO, M. C. P. P. **Fatores de risco e de proteção na promoção de resiliência no envelhecimento**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CUNHA, S. M. CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico - Adaptação e rendimento acadêmico. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 9, n. 2, p.215-224, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a04.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, H.H.L. NOLDIN, P.H.P. GONÇALVES, C.C. O recurso do plágio em trabalhos acadêmico-científicos: Um tema em questão. **Revista da Unifebe** n 9, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.unifebe.edu.br/revistadaunifebe/20112/artigo007.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

HENDERSON, N.; MILSTEIN, M. **Resiliencia en la escuela**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2010.shtm>. Acesso em: 22 jun. 2012.

KLIEWER, W. Coping in middle childhood: relations to competence, type A behavior, monitoring, blunting, and locus of control. **Developmental Psychology**, v. 27, n. 4, p.689-697, jul. 1991.

LAFRENIERE, P. J.; DUMAS, J. E. Social competence and behavior evaluation in children ages 3 to 6 years: the short form (SCBE-30). **Psychological Assessment**, v.8, n. 4, p.369-377, dez. 1996.

RIVAS LACAYO R, A. **Saber crescer: resiliencia y espiritualidad.** Barcelona: Urano, 2007.
MOTA, D. C. G. D.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. GOMES, M. L.; ARAÚJO, S. M. Estresse e resiliência em doença de chagas. **Aletheia**, Canoas, v. 24, p. 57-68, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n24/n24a06.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

PESCE, R. P. *et al.* Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 436-448, mar./abr. 2005.

PETTINELLI, M. L. Dar a volta por cima. *In:* TARAPANOFF, F. Dar a volta por cima. **Melhor de Gestão de Pessoas**, São Paulo, v. 255, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.revistamelhor.com.br/textos/255/artigo223485-1.asp>>. Acesso em: 11 Jul. 2012.

RESENDE, M. C. *et al.* Envelhecer atuando: bem-estar subjetivo, apoio social e resiliência em participantes em grupo de teatro. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 22, n. 3, p. 591-608, set./dez. 2010.

SANTOS, A. C. M. **Resiliência: um estudo da resiliência do gestor e o sucesso do empreendimento no contexto das micro e pequenas empresas.** 2011. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade Campo Limpo Paulista, Campo Limpo Paulista, 2011.

SANTOS, L. T. M. **Vivências acadêmicas e rendimento escolar: Estudo com alunos universitários do 1º ano.** 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2000.

SOUSA, C. S. Competência educativa: o papel da educação para a resiliência. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.21, n. 31, p. 09-24, 2008.

TARAPANOFF, F. Dar a volta por cima. **Melhor de Gestão de Pessoas**, São Paulo, v. 255, fev. 2009. Disponível em: <http://www.revistamelhor.com.br/textos/255/artigo_223485-1.asp>. Acesso em: 11 Jul. 2012.

TAVARES, J. A resiliência na sociedade emergente. *In:* TAVARES, José (Org.). **Resiliência e educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

TRINDADE, Héliqio. O discurso da crise e a reforma universitária necessária da universidade brasileira. In: MOLLIS, Marcela (org.) **Las universidades en América Latina: ¿reformadas o alteradas? La cosmética del poder financiero**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

VENDRAMINI, C.M.A. *et al.* Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA). **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 2, p.259-268, 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a07v9n2.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VERGARA, S. C. AMARAL, M.M. Reflexões sobre o conceito ‘aluno-cliente’ de instituições de Ensino Superior brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD, 34, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010. 1 CD-ROM.

YUNES, M. A. M. **A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

WAXMAN, H. C.; HUAANG, S. L.; WANG, M. C. Investigating the multilevel classroom learning environment of resilient and nonresilient student from innercity elementary schools. **International Journal of Educational Research**, v. 27, p. 343-353, 1997.

WAXMAN, H.C.; PADRÓN, Y. N.; POWERS, R. A.; BROWN, A. Evaluation the effects of the pedagogy to improve resiliency program on english language learners. In: MINAYA-ROWE, L. (Ed.), **Teacher Training and effective pedagogy in the context of student adversity**. Greenwich, C. T: Information Age, 2002. p.221-238.

WALSH, Froma. Crisis, trauma, and challenge: A relational resilience approach for healing, transformation, and growth. **Smith College Studies in Social Work**, v. 74, n. 1, p. 49-71, nov.2003.

WERNER E. E.; SMITH.R.S. **Overcoming the odds: highrisk children from birth to adulthood**. Ithaca/London: Cornell University Press. 1992.